

TRÁGICA HISTÓRIA  
DO  
FIDALGO DOM FRANCISCO  
E DO SEU FILHO ÚNICO

L. 12809<sup>11</sup> V.



Re. 148912



COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO VINTE E NOVE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1942

V  
31763



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.<sup>a</sup>  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1942

## LIVRO VINTE E NOVE

### TRÁGICA HISTÓRIA DO FIDALGO DOM FRANCISCO E DO SEU FILHO ÚNICO

Quando o grande capitão do mar Vasco da Gama chegou a Lisboa depois de descobrir a Índia, el-rei Dom Manuel I começou logo a cismar nas glórias e proveitos que tão espantosa descoberta devia trazer a Portugal.

Portugal era pequeno mas tinha uma alma tamanha que não lhe cabia no corpo e nada o contentava senão ir assim, por mares e terras desconhecidas de todos os europeus daquele tempo, à procura do resto do mundo.

As outras nações da Europa não faziam senão andar em guerras umas contra as outras e não eram aquilo em que depois se tornaram. Só a Espanha e Portugal pensavam nas terras desconhecidas que era preciso descobrir para além dos mares; e de tal maneira que o Papa não teve outro remédio senão marcar uma linha dividindo o mundo em duas partes, uma para Portugal descobrir e conquistar, outra para a Espanha fazer o mesmo. E nenhuma outra nação da Europa lá metia o nariz, porque eramos fortes, poderosos e bem governados, e não havia esquadras que se comparassem com as nossas.

Mas el-rei Dom Manuel não estava satisfeito. Partiam as armadas portuguesas para a Índia e voltavam carregadinhas de pimenta e especiarias que valiam o seu pêso em oiro, e de outras mercadorias preciosas. Os nossos capitães e soldados batiam-se por lá como valentes que eram e voltavam cheios de glória e às vezes de riquezas. Ficavam lá alguns em feitorias arranjadas à pressa e sem grande maneira de se defenderem; e acontecia que os moiros armavam intrigas e atacavam-nos e às vezes davam cabo deles.

Vendo estas coisas, Dom Manuel resolveu mandar construir fortalezas na Índia e ter lá sempre boas naus de guerra para conservar aquela gente em respeito. Assim estabeleceu um govêrno na Índia e mandou para lá um grande fidalgo em quem tinha muita confiança, chamado Dom Francisco de Almeida, homem dos mais honrados, dignos e valentes que então havia em Portugal. Foi portanto êste fidalgo o primeiro vice-rei da Índia, isto é, o homem que naquelas partes do Oriente representava el-rei de Portugal e defendia os interêsses da nossa terra e a honra do nosso nome.

O dia 25 de Março de 1505 foi um grande dia na cidade de Lisboa. El-rei Dom Manuel foi ouvir missa à Sé em grande aparato e com tôda a sua côrte em fatos de gala; e não faltou povo para se regalar de ver todo aquêl esplendor. A meio da missa, com palavras solenes de confiança e amizade, entregou Dom Manuel a Dom Francisco de Almeida o estandarte real que era o sinal do seu poder.

Depois desta cerimónia, saíu el-rei da Sé, levando ao seu lado o primeiro vice-rei da Índia que era homem alto, direito e de tal porte que metia respeito e admiração. E atrás deles seguia um numeroso e luzido acompanhamento onde iam todos os senhores da côrte e todos os capitães e fidalgos da armada, e funcionários que partiam, e tudo com grande luzimento e esplendor. Assim se encaminharam para o cais da Ribeira entre grandíssima multidão de povo que ali se juntara para os ver passar, cheia de espanto e de respeito.

Nunca se tinha visto em Lisboa embarque mais vistoso e brilhante, a não ser embarques de pessoas reais. Sem contar a marinagem e a gente de serviço da armada, iam naquela viagem mais de mil e quinhentos homens de guerra, todos muito bem escolhidos e bem vestidos e armados e, entre êles, muitos nobres, criados na casa de el-rei e que iam para lá ficar na Índia três anos; porque el-rei estabelecera aquela lei: os que iam para a Índia como funcionários do Estado, tinham que lá ficar três anos, e depois vinham-se embora e iam outros, e isto para todos, quer fôssem soldados, feitores, secretários, capitães ou governadores ou vice-reis.

Esta armada de Dom Francisco compunha-se de vinte e dois navios, dos

quais doze deviam voltar no ano seguinte carregados de pimenta e outras mercadorias, e os restantes dez deviam ficar na Índia para o serviço e defesa dos portugueses e dos interesses de Portugal.

Levava Dom Francisco de Almeida na sua companhia seu filho único, Dom Lourenço. Era este um rapaz na fôrça da vida, rijo e perfeito. Não havia cavaleiro que melhor manejasse as armas, nem montasse a cavalo, nem mais valente, forte e ajuizado e cumpridor dos seus deveres do que Dom Lourenço de Almeida. E o vice-rei queria-lhe mais, e com razão, do que às meninas dos seus olhos.

A viagem foi longa e cheia de aventuras; as tempestades por mais de uma vez separaram os navios uns dos outros, e tiveram que se bater contra moiros da costa oriental de África; porque os moiros, vendo que os portugueses iam tomando conta do comércio do Oriente, de que eles até ali eram senhores, tinham combinado fazer-nos grande guerra a ver se acabavam com o nosso poder naquelas partes do mundo.

Tanto nesses perigos da viagem como depois de chegarem à Índia, logo Dom Lourenço se distinguiu muito em batalhas quer no mar quer em terra, e no acêrto e obediência com que ajudava o pai na difficil tarefa do seu govêrno. Em pouco tempo tornou-se o seu nome temido e respeitado.

Tinham os portugueses já bons amigos na Índia pela boa política lá feita por Vasco da Gama e outros capitães; mas muitos mais amigos trouxe aos portugueses o govêrno firme, justo e ajuizado de Dom Francisco de Almeida. O rei de Cochim, o de Cananor e outros tinham aceitado a soberania de Portugal e muito contentes se mostravam com ela porque os portugueses os tinham livrado da tirania dos moiros. Já os seus navios podiam agora navegar e negociar por tôda a parte sem serem assaltados e roubados pelos moiros, pois iam acompanhados por bons barcos portugueses bem armados que os protegiam e davam caça aos moiros. Dom Lourenço era um grande capitão e muitas vezes defendeu aquela pobre gente contra os seus inimigos; e de tal modo se portou sempre que o seu nome era conhecido e estimado por todos aquêles povos. E não descansava, sempre em trabalhos e perigos, ajudando o govêrno do pai em tudo que podia. Assim um certo dia, ouvindo certos mercadores falar de uma grande ilha que havia lá na ponta da Índia, foi lá descobri-la. Era a ilha de Ceilão. Logo lá fêz amizade com os habitantes e assim abriu mais um rico mercado aos navios portugueses, porque havia lá grande fartura de canela, e elefantes, e outras boas mercadorias. Na cidade de Cochim tinham os portugueses um grande estabelecimento cercado por uma forte estacada feita com troncos de palmeira e terra amassada. E, dentro, havia casas de habitação, e a feitoria onde se arrecadavam as mercadorias, e uma igreja, e armazéns de armas e munições. Mas tudo isto era construído com madeira e os tetos com fôlhas de palmeira, de modo que havia pouca segurança e estavam sempre sujeitos a perigo de fogo.

Ali assistia o vice-rei e a sua idea era construir naquele sítio uma grande e robusta fortaleza como já tinha construído noutros sítios de África e da Índia. Podia êle conseguir isto pela fôrça, mas antes queria fazê-lo de acôrdo com o rei de Cochim porque êle tinha sempre sido leal amigo dos portugueses. Porém o rei de Cochim não queria. E assim se foi passando tempo até que o vice-rei pensou na maneira de arranjar tudo pela manha.

Trouxera êle de Portugal muitas alfaias ricas de igreja: pratas, tapeçarias, imagens e painéis de santos, paramentos, e também órgãos, músicos e cantores. Em dias de festa enfeitava-se a igreja com tôdas estas coisas e celebravam-se os officios com muita solenidade e esplendor. Repicavam os sinos, soavam trombetas e tambores; e muitos senhores fidalgos da côrte de Cochim, e *naires* (que eram os guerreiros nobres) e muitas vezes o próprio príncipe herdeiro, e muito povo da terra, tudo ia assistir às cerimónias da nossa religião, com muito respeito e muita admiração por tudo que viam e ouviam.

Apenas acabavam as festas e todos se retiravam, as alfaias e riquezas eram retiradas da igreja e muito bem guardadas em lugar seguro.

Ora uma noite Dom Francisco de Almeida tirou-se dos seus cuidados e, às escondidas, mandou largar fogo à igreja. O rei de Cochim afligiu-se muito cuidando que tôdas as riquezas que lá vira estavam perdidas e mandou pedir a Dom Francisco de Almeida que não ficasse triste porque êle lhe daria boas madeiras para construir uma igreja maior e mais linda.

Dias depois, Dom Francisco, também às escondidas, mandou largar fogo às palhotas onde viviam os portugueses. E novamente o rei de Cochim se afligiu e mandou ao vice-rei novos recados e consolações.

O vice-rei respondeu:

— As perdas não são grandes, mas agora já não durmo descansado pois receio que uma destas noites o fogo venha ter comigo à cama.

E no dia seguinte vestiu-se com muito aparato e do mesmo modo mandou vestir os seus capitães e fidalgos e foram todos ao palácio do rei. Dom Lourenço caminhava adiante com fato muito rico e vistoso e levando ao ombro a sua alabarda, possante e poderosa, tão pesada que era um pasmo como êle podia manejá-la.

O príncipe herdeiro de Cochim foi ao encontro dos portugueses e parando junto de Dom Lourenço que era pela sua idade e de quem era muito amigo, bateu-lhe no ombro com muito affecto e perguntou-lhe, a rir, onde ia assim armado e com ar tão sisudo. Dom Lourenço respondeu logo:

— Senhor, vou matar o fogo que nos anda a desafiar.

O príncipe riu muito com êste dito e quando chegaram todos ao palácio, disse ao rei:

— Meu senhor, vão acabar agora os perigos de fogo porque êste valente cavaleiro vem aqui com a sua alabarda para dar cabo dêsse inimigo.

O rei achou muita graça a esta brincadeira e perguntou a Dom Lourenço como venceria êle o fogo. E Dom Lourenço respondeu sem hesitar:

— Meu senhor, darei cabo dêle de um só golpe; assim!

E erguendo a alabarda, como se ela fôsse uma pena, atirou um tal golpe ao chão do pátio onde se encontravam que o ferro se enterrou todo no solo. Foi um espanto porque para tal conseguir era preciso uma fôrça tamanha e um golpe tão certo que bem poucos seriam capazes de o fazer. E agora falando muito a sério, o rei disse:

— Bem vejo agora a verdade do que me têm dito: que nada poderá resistir à fôrça de um tal braço nem a tal manejo das armas.

Pouco depois disto, Dom Francisco de Almeida disse ao rei:

— Meu senhor, fui criado com perigos de guerras e conheço também os do mar; mas nunca tive ameaça de fogo como tenho agora dia e noite, sem descanso. Venho pois pedir a Vossa Alteza autorização para construir em pedra, cal e telhas o que está agora feito em madeira, bambús e fôlhas de palmeira.

Mas o rei escutou estas palavras de cabeça baixa e respondeu:

— Nestes nossos reinos não é costume construir-se de pedra e cal senão os templos e os palácios reais. Se eu quebrar esta lei o meu povo ficará descontente e nos reinos vizinhos julgar-me-ão deshonrado.

O vice-rei franziu a testa e não gostou desta resposta. Disse assim:

— Tudo que Vossa Alteza faz é bem feito; e ninguém poderá julgá-lo deshonrado porque as construções de pedra e cal que eu fizesse lhe ficariam pertencendo para sempre. Mas se Vossa Alteza entende que êste meu pedido é sem razão, nunca mais lhe falarei em tal. No entanto como vejo que não posso ter aqui segurança, Vossa Alteza não me levará a mal que eu vá para outro pôrto da Índia, longe daqui, onde construirei uma fortaleza de pedra e cal e onde estarei ao abrigo do fogo com todos os meus, com a armada e tudo que pertence a el-rei Dom Manuel, meu senhor, que mo confiou.

E despedindo-se do rei de Cochim com tôda a cortesia mas sem esconder o seu enfado, voltou para sua casa.

Chegando a casa, Dom Francisco fingiu-se doente e meteu-se na cama. No dia seguinte, espalhando-se a notícia daquela doença de Dom Francisco, por mando do rei foi o príncipe visitá-lo e saber notícias do seu estado. O vice-rei disse-lhe:

— Senhor, esta doença é causada pela tristeza do meu coração; porque se o fogo destruir as coisas que aqui tenho em depósito e me foram confiadas por el-rei Dom Manuel, a minha vergonha será tamanha que nunca mais terei cara de aparecer em Portugal nem de me apresentar ao meu senhor. E a minha tristeza é muito grande porque eu cuidava que não haveria coisa no mundo que o rei de Cochim me recusasse, sabendo como os portugueses o servem de boa vontade e estão prontos, como já o têm provado, a dar a vida por êle.

O príncipe ouviu-o com muita atenção e foi contar tudo ao rei. E desta maneira, com muito jeito e habilidade, Dom Francisco de Almeida acabou por conseguir às boas o que tanto desejava, sem perder a amizade e confiança daquela boa gente. O rei de Cochim não querendo desgostá-lo e também porque receava que Dom Francisco abandonasse Cochim, deu-lhe por fim a licença de construir a fortaleza.

Logo que Dom Francisco teve esta boa notícia foi ao palácio agradecer ao rei. E foi com todos os capitães e fidalgos ainda com muito mais aparato e esplendor que da outra vez, e com suas trombetas e tambores, e tudo tão vistoso e em tão boa ordem que era coisa muito de ver. E, a pedido do príncipe, Dom Lourenço ia revestido da sua armadura de ferro resplandecente e levava o seu grande montante. Seguia-o um pagem segurando uma almofada de veludo sôbre a qual poisava o seu lindo capacete reluzente como prata e encimado por grande penacho de plumas; e outro pagem levava a famosa alabarda de aço e ferro doirado.

Enquanto Dom Francisco fazia os seus agradecimentos ao rei, o príncipe e os fidalgos da côrte não tiravam os olhos de Dom Lourenço nem se cansavam de o admirar.

E antes dos portugueses se retirarem, o rei perguntou-lhe como podia êle combater com tão pesada armadura. E êle, para dar prazer ao rei e aos senhores da sua côrte, desceu ao pátio seguido por todos e pegando ora na alabarda, ora no montante, fingiu que estava combatendo rodeado de inimigos. E viram-no correr e saltar manejando de terrível maneira estas pesadas armas com tal habilidade e ligeireza que todos ficaram estarecidos de assombro; e o rei não se teve que não exclamasse:

— Já me não admiro de tôdas as coisas extraordinárias que me têm contado de Dom Lourenço; e vejo que nunca êle poderá morrer à mão de um homem.

Poucos dias depois começou a construção da fortaleza. Tal era a ânsia do vice-rei de ver tal obra acabada, que ali passava seus dias e todos os seus fidalgos ali trabalhavam como operários acarretando pedra e outros materiais. E assim em pouco tempo se lançaram os alicerces e sôbre êles se ergueram grossas muralhas e se fêz a cêrca robusta e coroada de ameias. Ao abrigo dela se foram construindo boas casas de pedra e cal com seus telhados de telha, para habitação da guarnição e dos officiais da feitoria, e grandes armazéns para depósito de armamentos, munições, mercadorias e um bom cais bem defendido, e tudo valente e bem acabado e fortemente guarnecido de grossa artilharia.

Durante todos estes trabalhos, Dom Lourenço occupava-se de todos os serviços da armada e ia cumprindo as ordens do seu pai; e muitas vezes tinha batalhas no mar contra moiros, sobretudo contra os moiros de Calecut que eram poderosos e não perdiam a esperança de vencer os portugueses e de os pôr fora da Índia. E o vice-rei tratava sempre de todos os negócios do govêrno, com muito acêrto, prudência e sabedoria, levando todos aquêles povos com jeito e criando grande prestígio ao nome de Portugal. Assim, pela sua mão foi começado o nosso grande poder e o nosso Império do Oriente.

Quando terminaram aquelas grandes obras, Dom Álvaro de Noronha, que era um bom e leal cavaleiro, fêz juramento de fidelidade ao vice-rei que ali representava el-rei de Portugal; e esta cerimônia teve lugar na tôrre de menagem da fortaleza, como era costume. E Dom Francisco de Almeida aí nomeou êste fidalgo capitão da fortaleza de Cochim, que nesse dia foi tôda enfeitada com ramos verdes e inúmeras bandeiras; e o vice-rei foi ao palácio convidar o rei de Cochim a vir ver a obra terminada.

O rei assim fêz. Foi por mar num lindo barco muito enfeitado; levava o príncipe na sua companhia e grande e luzido acompanhamento. Desembarcaram defronte da porta principal da fortaleza. Dom Álvaro de Noronha veio ao seu encontro, levando numa rica taça de prata as chaves da fortaleza que apresentou ao rei; e Dom Francisco de Almeida disse assim:

— Meu senhor, êste nobre cavaleiro Dom Álvaro de Noronha, a quem entreguei a capitania desta fortaleza de Cochim, aqui ficará com uma boa guarnição e forte artilharia para guardar a entrada do rio e a cidade. Mas como esta fortaleza pertence ao rei de Cochim, Dom Álvaro de Noronha não pode tomar conta das chaves enquanto Vossa Alteza, por sua própria mão, lhas não entregar. E nunca êle fará aqui senão o que fôr da vontade de Vossa Alteza.

O rei ficou muito satisfeito com estas palavras de cortesia e, pegando nas chaves, entregou-as a Dom Francisco de Almeida, pedindo-lhe que fizesse delas o que entendesse. O vice-rei entregou-as então a Dom Alvaro de Noronha dizendo-lhe que as desse ao rei ou ao príncipe sempre que eles lhas pedissem.

Dirigiram-se então todos para a porta da fortaleza e, nesta altura, saiu de lá com grande rompage Dom Lourenço armado de ponto em branco, todo revestido da sua luzente armadura, de capacete de plumas na cabeça e de albarda na mão. O sol dava-lhe em cheio e todo êle resplandecia de tal maneira que não se podia ver coisa mais maravilhosa. E disse em voz alta ao rei de Cochim:

— Meu senhor, esta fortaleza é vossa. Se alguém nela quiser entrar sem vossa licença aqui estou para o impedir e, como vêdes, pronto para morrer ao vosso serviço.

O rei deu-lhe um grande abraço e disse-lhe, sorrindo, que podia deixar entrar todos que ali estavam. Subiram então ao andar de cima da torre de menagem e ali se encontraram numa grande sala muito ricamente enfeitada. Dom Francisco pediu ao rei que se sentasse numa cadeira de espaldar com pregaria doirada e toda forrada de veludo. Então um dos fidalgos portugueses, que era o chefe da feitoria, veio à frente do rei com uns poucos de pagens carregados com presentes; para o rei uma peça de precioso brocado e outra para o príncipe, e, para cada senhor do acompanhamento do rei, uma peça de veludo ou de setim pesado, de variadas côres, com o que todos ficaram muito contentes e agradecidos.

Depois, por ordem do vice-rei, o chefe da feitoria pediu ao rei e ao príncipe que se abeirassem da janela que dava para o grande pátio da fortaleza e começou a atirar pela janela fora uma grande quantidade de lindas gorras vermelhas e de boas navalhas metidas em seus estojos de coiro. Os *naïres* que estavam lá em baixo assim como grande multidão de outras pessoas da terra, ao verem cair aquêles bonitos objectos que êles muito apreciavam, corriam e saltavam para os apanhar e caíam uns por cima dos outros com grande algazarra e risos e gritos de alegria. Lá em cima, nas janelas da torre, o rei, o príncipe e os senhores da sua côrte divertiam-se tanto com esta brincadeira, que começaram êles próprios a atirar estas prendas para o pátio. Assim foram atirados naquele dia de festa e apanhados pela multidão, mais de quinhentas gorras e mais de mil navalhas.

Quando chegou a hora de se retirarem, o rei e o príncipe e todo o seu acompanhamento voltaram para o palácio muito contentes e alegres com tôdas estas festas; e quando o barco real largou do cais, o vice-rei mandou que toda a artilharia da fortaleza salvasse em sinal de regozijo. E ouviu-se um grandíssimo estrondo e parecia que toda a fortaleza estava em chamas, o que toda a gente muito admirou.

Assim Dom Francisco de Almeida ia conquistando a amizade, a confiança e o respeito daqueles povos.

\*  
\*  
\*

Aconteceu que, governando a Índia Dom Francisco de Almeida, o sultão do Cairo, assustado com os progressos dos portugueses e do seu comércio e amizade com as populações daquelas terras, resolveu mandar uma grande armada combater aquêles cristãos que iam a pouco e pouco livrando da tirania moira a boa gente da Índia. Os portugueses estavam destruindo o poder dos moiros no Oriente. Desde que Vasco da Gama descobrira o caminho marítimo para a Índia, o proveitoso comércio que moiros e turcos faziam pelo Mar Vermelho tinha sofrido grande quebra; e a cidade de Veneza que era até ali o principal entreposto na Europa das mercadorias do Oriente, via de dia para dia diminuir as suas riquezas, enquanto o pôrto de Lisboa se enchia de navios e os seus armazéns trasbordavam de mercadorias preciosas trazidas da Índia pelas nossas fortes armadas.

A república de Veneza, toda contente de ver que o sultão nos ia atacar, mandou para o Cairo muitos carpinteiros, calafates e fundidores de artilharia para lá construírem navios e artilharia; e isto era muito mal feito, e feito descaradamente, porque existia uma antiga amizade entre Veneza e Portugal e

havia bem pouco tempo que el-rei Dom Manuel, a pedido dos venezianos, lhes enviara uma poderosa armada para os socorrer contra os turcos; e muito lhes tinha valido porque, sem esse socorro nosso, teriam êles sido vencidos. Não contentes de mandarem para o Cairo muitos operários e artífices, também os venezianos arranjaram modo de enviar da Turquia para o Cairo grande quantidade de boas madeiras que o sultão não tinha. Com estas ajudas puderam aquêles infiéis construir quatro grandes naus, um galião, duas galeras reais e uma mais pequena, tudo à maneira dos nossos navios que eram do melhor que havia naquele tempo, e com muito boa e forte artilharia.

Enquanto os infiéis andavam nestes trabalhos, chegou ao Cairo um moiro chamado Meimame que os reis moiros da Índia e o samorim de Calicut (que era nosso inimigo), haviam por santo. Tinham êsses soberanos mandado Meimame ao sultão contar-lhe a seu modo o que os portugueses andavam fazendo na Índia e suplicando-o de lhes acudir para impedir os nossos de espalhar por aquêles povos a fé de Cristo e de apagar a de Maomete.

O sultão, recebendo êste recado, tratou logo de apressar a expedição. Entregou o comando da armada a um grande capitão chamado Mirocem. Deu-lhe dois mil homens de guerra entre os quais havia muitos desertores genoveses e venezianos e de outras terras da Europa, todos malandros que tinham atraído ao seu rei e o seu Deus, mas habituados às guerras da Europa e sabendo bem do seu officio de soldados. E havia também moiros de Granada, e rumes — que eram mestiços de turcos e egípcios — gente danada e sabedora das coisas da guerra. Tôda a armada levava excelente artilharia e bons bombardeiros europeus, e archeiros e arcabuzeiros de mão cheia. Tinham provisões a faltar e não lhes faltava nada.

Chegaram a Diu a 20 de Setembro de 1506. O rei de Cambaia que era o soberano de um grande reino e senhor de Diu, tinha lá um capitão moiro chamado Meliquiaz, bom cavaleiro, valente, manhoso, e com muito saber e muita experiência. E Mirocem ia-lhe muito bem recomendado. Ali se juntaram aos navios de Mirocem os de Meliquiaz, que eram muitos e bons, e mais de cem barcos pequenos de guerra do samorim de Calicut e outros.

Encontrava-se Dom Lourenço no pôrto de Dobul onde tinha ido escoltar navios mercantes de Cochim e de Cananor, quando lhe chegou a notícia de que uma poderosa armada de rumes e moiros vinha atacar os portugueses. Não tinha êle consigo senão oito navios: galiões, caravelas e galeras. Mas preparou-se logo para ir ao encontro do inimigo, fazendo boa tenção, mais os seus valentes capitães e soldados, de irem dar cabo dêles sem quererem saber da grande diferença que havia entre a sua pequena fôrça e o grande poder do inimigo.

Fêz-se à vela para Chaul e chegou lá antes de Mirocem. Mas pouco depois appareceu a armada dêste.

Os portugueses que esperavam navios moiros, ao verem chegar navios iguais aos seus, cuidaram que era uma armada portuguesa que se esperava de volta de Ormuz; e não levantaram ferro nem se prepararam para o combate. E Mirocem atravessou a barra muito senhor de si, com os seus navios embandeirados; e só então os portugueses perceberam quem êles eram por que viram as bandeiras turcas, brancas e vermelhas e tôdas semeadas de meias luas negras. Os rumes, todos soberbos, ao passarem pelos nossos navios, atiraram sôbre êles uma saraivada de artilharia e de balas de arcabuzes, e frechas sem conta, e foram ancorar perto da cidade, mas não sem levarem boa resposta da nossa armada cuja artilharia lhes matou e feriu grande número de homens. Dos portugueses muitos também tinham sido mortos e feridos; e Dom Lourenço, furioso, preparou-se tôda aquela noite, mais os seus capitães, para, ao romper do dia, irem atacar o galião de Mirocem.

Durante êsse ataque que foi coisa espantosa, Dom Lourenço foi ferido duas vezes. O fogo de artilharia era coisa nunca vista, quer de um lado quer de outro. Entretanto as nossas caravelas atiravam-se aos navios inimigos, à abordagem; e depois de um cruel combate corpo a corpo, quatro navios inimigos foram tomados e um dos nossos tiros de artilharia matou o tal moiro santo, Moimame, que estava em oração a Maomete, no seu barco. E isto pareceu aos infiéis de muito mau agouro.

Meliquiaz, o capitão de Diu, só entrou no pôrto de Chaul, com todos os seus barcos, ao pôr do sol. Três dêsses navios foram socorrer o galião de

Mirocem, mas os portugueses logo lhe afundaram um e arrombaram dois que deram à costa.

Quando caiu a noite, os nossos capitães reuniram-se todos na nau de Dom Lourenço e disseram-lhe que era loucura continuar semelhante batalha. Tinham resistido e, com a ajuda de Deus, levado a melhor durante dois dias. Mas já tinham sofrido grandes perdas e os seus homens estavam tão cansados que não se lhes podia pedir a continuação de tamanho esforço. Já lhes ia faltando pólvora e os inimigos eram tanto mais numerosos e estavam tão aprovisionados de tudo que, se os nossos teimassem em tal batalha, só por milagre não seriam ali todos mortos e a armada perdida.

Combinaram então prevenir em grande segredo os navios mercantes de Cochim, que já estavam carregados, dizendo-lhes que aproveitassem o vento de terra que se levantava à meia noite e que se fizessem ao largo; e a armada de Dom Lourenço iria logo atrás deles e continuaria, querendo Deus, a guardá-los até aos seus portos. Mas tudo isto devia ser feito em grande silêncio, para os inimigos não darem por tal.

O silêncio, porém, não pôde ser tamanho que os inimigos não dessem pela manobra. Os navios mercantes já estavam a salvo e toda a armada portuguesa já ia fora da barra menos o de Dom Lourenço, que fôra o último a retirar, quando Meliquiaz foi avisado. Era já ao alvorecer. Meliquiaz levantou ferro e partiu com todos os seus navios que, não podendo alcançar a nossa armada inteira, cercaram a nau de Dom Lourenço e começaram a bombardeá-la por todos os lados.

Uma das balas inimigas deu no costado da nau ao rés-da-água e fêz-lhe um grande rombo; e a água começou logo a entrar. Mas a batalha era tão brava que os portugueses nem deram por tal. Nessa altura a brisa amainou e, como a nau já não obedecia ao leme, a corrente do rio levou-a para a outra margem onde foi dar numa estacada que os pescadores ali tinham feito.

Um dos navios portugueses, comandado por um bom e leal capitão chamado Paio Pires, ainda se arriscou a vir socorrer a nau de Dom Lourenço e aproximou-se com grande risco para lhe lançar um arpéu a ver se a arrancava dali; mas não serviu de nada porque a nau estava já encravada na estacada e, como o porão se encontrava já cheio de água, a quilha enterrara-se no lodo de tal maneira que já de lá não podia sair.

Os navios inimigos quiseram atacar então à abordagem o navio de Paio Pires; mas como os nossos homens naquele navio estavam quasi todos feridos e não podiam combater, cortaram o cabo do arpéu, e a corrente do rio, muito forte, levou-os para a barra, a salvamento. Aí deram as tristes notícias aos outros navios da armada portuguesa. Os capitães com muitos homens saltaram nas canoas para irem a remo acudir a Dom Lourenço. Mas a corrente do rio era tão forte àquela hora da maré vazante que, por mais que fizessem, não conseguiram nada. E voltaram para os navios cheios de tristeza e de desespero e aí se deixaram ficar com a idea de fazerem nova tentativa quando a maré acabasse de vaziar.

O contra-mestre da nau de Dom Lourenço, disse-lhe assim:

— Senhor, esta nau não poderá daqui sair senão com a enchente da maré. Vá-se Vossa Mercê embora com os mais fidalgos na canoa de bordo, que eu e a minha gente e os bombardeiros aqui nos agüentaremos até à enchente da maré.

Dom Lourenço riu-se e perguntou ao seu contra-mestre:

— Achas que tenho cara de te abandonar na hora do perigo e aos meus homens e de pôr as costas a salvo enquanto vocês aqui ficam sôzinhos a contas com estes malditos infieis?

E continuava a combater como um lião. A artilharia inimiga atirava sobre eles com tanta gana que daí a pouco estava a nau arrombada em muitos lugares. O contra-mestre foi ter outra vez com Dom Lourenço e disse-lhe:

— Senhor, a nau está perdida. Vá-se Vossa Mercê embora na canoa com aquêles que ela poder levar; e eu cá mais o resto que ficar nos salvaremos a nado. A nau vai afundar-se na enchente da maré.

E todos diziam o mesmo. Dom Lourenço respondeu:

— Não caberíamos todos na canoa; e os que aqui ficassem seriam todos mortos. Embarcai-vos vós na canoa, tantos quantos ela levar; e depois mandai a canoa buscar o resto. Eu ficarei até ao fim.

Todos gritaram que nenhum dali saíria senão depois de Dom Lourenço sair, porque, se elle se salvasse, nada estaria perdido. E diziam:

— Vós vivo, senhor, valeis mais do que todos nós da armada inteira.

E Dom Lourenço respondeu:

— Já que me quereis tanto e dais à minha vida maior valor que às vossas tôdas juntas, como podeis julgar-me capaz de fazer o que vós não quereis fazer? A minha vida é só uma e as vossas são muitas. Peço-vos pois muito que vos ides, como eu disse, e mandai-me depois a canoa.

Neste momento uma bala inimiga abriu mais um rombo na nau que se encheu de água até à coberta. Os rumes soltaram grande gritaria de triunfo e um dos seus navios chegou-se à nau e lançou-lhe o arpéu. Mais de cem inficéis saltaram na coberta da nau com seus cutelos e espadas, que mais pareciam cem demónios. Dom Lourenço não disse uma nem duas; atirou-se a elles com o seu grande montante a redemoinhar-lhe nas mãos ambas e de tal maneira e com tal alma que num abrir e fechar de olhos ali estendeu mortos à sua volta vinte homens e feriu muitos mais. Os portuguezes, vendo isto, ganharam grande ânimo e com as lanças foram matando e ferindo e empurrando os inimigos, de forma que os que não morriam iam caindo ao mar. Este embate durou pouco mas foi tal que o resto dos rumes, espavoridos, fugiram para o seu navio.

Por muitas vezes voltaram os rumes ao ataque, mas sempre deixavam na coberta muitos mortos e tinham de fugir, envergonhados e furiosos. O trabalho que Dom Lourenço fazia, ora com o montante, ora com a alabarda, era coisa nunca vista. Já ferido, a perder sangue, e sem um instante de descanso durante aquella terrível batalha, bem se via que Deus o ajudava, que sem auxílio do Céu não haveria fôrças humanas que resistissem a tanto.

A nau ia-se afundando e a sua coberta já estava muito mais baixa que a do navio dos rumes que disto se aproveitaram para desfechar sôbre os nossos núvens de setas. Os portuguezes treparam aos mastros e daí atiravam pedras ao inimigo e assim com mão certa ainda mataram muitos. Mas por fim não tinham mais pedras nem quem lhas desse, pois estavam muitos mortos e os que restavam, mal feridos e sucumbidos de mortal cansaço.

Meliquiaz, cheio de admiração e de respeito, veio então em pessoa, num barco com bandeira branca, pedir-lhes que se rendessem, prometendo-lhes com grandes juramentos que lhes salvaria as vidas e os trataria como tais heróis mereciam. Mas nem Dom Lourenço nem nenhum dos seus companheiros fizeram caso do que elle lhes dizia. E a batalha continuou a pesar-dos nossos estarem a escorrer sangue e tão cansados que só por milagre se tinham de pé.

Vendo que não poderiam vencer os portuguezes enquanto Dom Lourenço fôsse vivo, os rumes afastaram o seu navio da nossa nau e apontaram os seus canhões ao castelo de proa onde Dom Lourenço se encontrava com a sua gente. Uma das balas acertou e colhendo Dom Lourenço quebrou-lhe as duas pernas. Caíu este grande e nobre cavaleiro e não pôde mais levantar-se. Todos os seus se juntaram à sua volta para o socorrer; e elle disse-lhes:

— Meus senhores, meus companheiros e meus amigos, a minha vida acabou; esta vida que meu corpo trazia emprestada. E a minha alma vai agora dar contas a Deus do que fez na Terra. Ordeno-vos — e peço-vos por amor da nossa amizade — que aceiteis a proposta de Meliquiaz porque, em verdade, podeis agora fazê-lo sem deshonra, e elle será fiel à sua palavra. Quanto a mim só me resta pedir a Deus misericórdia para esta minha alma que agora entrego nas suas divinas mãos.

E dizendo isto, soltou o último suspiro.

Então pegaram no seu corpo morto e atiraram-no por uma escotilha; e o corpo caíu no fundo da nau que estava tôda arrombada e, com o pêso da armadura, enterrou-se no lôdo, e depois as correntes muito fortes do rio e das marés lá o levaram para onde Deus quis, que nunca mais ninguém o viu. E isto foi coisa muito acertada que os portuguezes fizeram porque se o corpo de Dom Lourenço fôsse achado pelos rumes, estes, segundo o seu costume quando venciam um herói, de-certo o esfolariam e lhe encheriam a pele com palha e assim a levariam ao sultão. Mas os rumes não souberam nada da morte de Dom Lourenço. Não se atrevendo a entrar na nau, continuaram a bombardeá-la e ainda mataram uns poucos de homens.

Por fim lá chegaram a entendimento. Quando Meliquiaz soube que os portuguezes aceitavam a sua proposta, ficou todo contente pensando que, entre

os que se rendiam, se encontrava Dom Lourenço; e prometeu tudo que elles quisessem. E, justiça lhe seja feita, a-pesar-de ver com muito desgosto que Dom Lourenço tinha desaparecido, cumpriu as suas promessas e sempre tratou muito bem os portugueses que se lhe entregaram.

Os outros navios da armada de Dom Lourenço, quando souberam a triste noticia da sua morte, puseram-se a caminho de Cochim.

Nas alturas de Cananor reuniram-se os capitães e resolveram tirar à sorte qual deles iria adiante anunciar ao vice-rei a gloriosa morte de seu querido filho. Caiu a sorte num deles, chamado Duarte Camacho, esforçado e leal cavaleiro, grande amigo de Dom Lourenço.

Duarte Camacho entrou com a sua caravela no rio de Cochim e ancorou defronte da cidade; mas levando a noticia que levava, não teve ânimo de salvar a fortaleza como era costume de todos os navios que entravam a barra. E o povo que se encontrava na praia e no cais não viram ninguém na coberta da caravela que parecia um navio deserto.

Camacho saltou para uma canoa e foi a terra.

O vice-rei estava sentado a uma janela da fortaleza que dava sôbre o cais. Os navios mercantes de Cochim tinham já chegado, mas não vinham escoltados como de costume; e a-pesar-dos mercadores não terem dito nada das más noticias que traziam, Dom Francisco de Almeida tinha ficado inquieto. Vendo chegar a caravela de Duarte Camacho e reparando que não salvara a fortaleza, o vice-rei retirou-se da janela e foi sentar-se ao fundo da sala; e apoiando o rosto à mão, disse aos fidalgos que estavam na sua companhia:

— Esta caravela traz-me a noticia que o meu coração já adivinhou.

Neste instante Duarte Camacho entrou na sala; via-se-lhe no rosto uma funda tristeza. O vice-rei disse-lhe:

— Camacho, ainda que meu filho esteja morto, porque não salvaste à fortaleza segundo o regulamento? O meu filho não era mais do que um homem.

Duarte Camacho ajoelhou defronte dele e, com os olhos razos de lágrimas, disse-lhe:

— Meu senhor, a Virgem Santíssima perdeu o seu divino filho que morreu na cruz entre dois ladrões; e vós perdestes o vosso que morreu combatendo como um herói contra os turcos do sultão.

O vice-rei, sem mostrar nenhuma emoção, respondeu:

— Vai descansar, Camacho; e dá ordem à gente da tua caravela de salvar já à fortaleza. Quanto a mim vou mandar que o sino da igreja toque a finados; e o povo irá rezar pela alma do defunto.

De repente levantou a voz e, erguendo-se, disse para os que o rodeavam:

— E vós todos escutai-me bem e lembrai-vos do que agora vos digo: quem comeu o frango há-de engulir o galo e pagá-lo caro.

Os capitães e fidalgos que estavam presentes quisessem aliviar a grande dor que o vice-rei devia sentir ainda que, pela sua força de vontade, a não mostrasse, dirigindo-lhe palavras de consolação. Mas Dom Francisco disse:

— Não posso negar a dor que a natureza humana me impõe nesta hora; mas espero vencê-la com a ajuda de Deus. Porque o meu sofrimento é passageiro: acabará quando eu morrer. Peço-vos que me deixeis agora só; as palavras de consolação, em casos destes, são boas para mulheres.

E cumprimentando-os com muita cortesia, retirou-se para os seus aposentos.

Nessa noite o rei de Cochim e o príncipe herdeiro vieram à fortaleza apresentar os seus pêsames ao vice-rei. Este foi esperá-los ao cais com rosto sereno e prazenteiro como sempre. O rei estava muito comovido, e o príncipe que tinha grande amizade a Dom Lourenço, sustinha a custo as lágrimas.

O rei disse a Dom Francisco:

— Teu filho morreu gloriosamente, como um filho teu devia morrer. Sei o que sentes e todo o meu coração está contigo. Não esqueças que, entre os teus amigos, eu guardo para mim o primeiro lugar. Peço-te que contes comigo e com toda a força e poder de que disponho, para te ajudar a combater os teus inimigos; porque a vingança adoça muito a dor.

O vice-rei respondeu-lhe com voz firme:

— Dei o meu filho a el-rei Dom Manuel, meu senhor, para o servir na guerra e a guerra levou-o. Tenho saudades dele porque não poderei tornar a vê-lo senão noutro mundo onde bem desejaria estar agora com êle e com os outros que morreram na sua companhia. Espero em Deus ir muito em breve

encontrar-me com aquêles que mataram o meu filho, para os castigar do que fizeram e sobretudo para os impedir de causar a el-rei de Portugal males ainda maiores. Porque o mal que me fizeram a mim foi só o de matarem meu filho; e o meu filho não era mais que um só homem.

O príncipe disse ao vice-rei:

— Senhor, eu tinha tal amizade a teu filho que, se fôsse possível, queria ir contigo ajudar com esta espada a tua vingança. Porque lhe queria como a um irmão.

O vice-rei respondeu:

— Os corações dos grandes príncipes têm dessas bondades.

O rei de Cochim e o príncipe despediram-se dele maravilhados da serenidade e da força de alma daquele homem extraordinário.

Dom Francisco de Almeida nunca pediu a ninguém que lhe contasse a morte do filho. Um dia, o capitão da fortaleza, Dom Álvaro de Noronha, perguntou-lhe:

— Vossa Senhoria nunca soube como as coisas se passaram?

O vice-rei respondeu:

— Sei que mataram o meu filho e que o trago vivo no meu coração. Conhecia-o bastante para ter a certeza que morreu cumprindo o seu dever até ao fim, como um bom cavaleiro. Isto basta-me. Não preciso saber mais.

Não se vestiu de luto nem mudou coisa alguma no seu vestuário nem nos seus hábitos. Mas, desde que recebeu a notícia da morte do filho, passava a maior parte do seu tempo nos estaleiros dirigindo os trabalhos de construção e consertos de navios e organizando uma possante armada, porque não tinha outro pensamento que não se concentrasse naquele desejo ardente de ir castigar os rumes.

\* \* \*

No dia 12 de Dezembro de 1508, a armada do vice-rei levantou ferro com rumo a Diu, onde ainda estavam os rumes sob o comando de Mirocem e sob a protecção de Meliquiaz.

A armada portuguesa compunha-se de seis valentes galiões bem guarnecidos de artilharia, de quatro grandes naus, de seis caravelas, de duas galeras e de um brigantim, ao todo dezóito navios muito fortemente armados, com fartura de mantimentos e munições, e levando dois mil e duzentos homens de guerra.

Chegaram a Dabul em fins de Dezembro. Dabul era uma cidade que pertencia ao reino de Dekan. Era bem defendida, grande, rica e de muito comércio. Tinha um capitão moiro, bom guerreiro, e uma forte guarnição turca.

Apenas a nossa armada entrou no pôrto, os fortes começaram a bombardeá-la com a sua artilharia. A-pesar-disso o vice-rei desembarcou com todos os seus. A batalha foi terrível. O vice-rei era tão bom guerreiro como o filho e, em combate, tinha a agilidade e a força de um rapaz. A sua fúria era tamanha que parecia um vivo demónio e, onde êle chegava, os mais valentes recuavam. Já vencedor, não parou. Todo aquêlle dia durou a carnificina e quando, por fim, os portugueses embarcaram, na cidade de Dabul, arrasada e incendiada, não havia um único ser vivo. Só ruínas, desolação e montões de inimigos mortos. O terror espalhado com a notícia de tal morticínio foi tal que, em outros portos onde tocou a armada do vice-rei, encontraram os nossos tudo deserto.

— Lá vem o chefe cristão a vingar o filho! — gritava aquela gente.

E fugiam espavoridos para o interior das terras levando mulheres e crianças e quanto podiam dos seus bens.

Em Diu Mirocem já fôra informado de que o vice-rei vinha em pessoa atacar a sua armada e a sua gente; mas estava tão senhor de si e tão inchado com a sua vitória sobre Dom Lourenço, tão fiado no grande poder da sua armada, que troçava dos portugueses e fazia pouco das suas forças, dizendo que os de Dabul tinham sido cobardes, mas que em Diu os portugueses veriam o que encontravam.

A armada de que êle dispunha era na verdade muito boa e forte e mais de cinco vezes mais numerosa que a do vice-rei. Só à conta de Mirocem havia três grandes naus, três galiões e seis galeras, tudo guarnecido de turcos e rumes,

bons soldados e bem armados. Os moiros de Cambaia tinham quatro naus valentes, das quais a de Meliquiaz era poderosa que nem uma fortaleza e continha quatrocentos homens de guerra bem escolhidos. Além disto havia outros barcos mais ligeiros e pequenos, mas todos bem armados, entre elles os de Calicute; ao todo mais de cem. E os homens de guerra eram todos bons; só os rumes andavam por oitocentos, todos com suas cotas de malha de aço fino. E havia muitos outros brancos do Mar Vermelho, e abexins, tudo escolhido, soldados feitos à guerra, obedientes aos chefes, e sabendo do seu officio.

Considerando tôda esta fôrça enorme e comparando-a com a nossa, tão pouco numerosa, Mirocem ria-se todo contente e não duvidava um instante da vitória.

Dom Francisco de Almeida ancorou à entrada do pôrto de Diu com a sua armada e reunindo o seu Conselho, falou assim:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo por me ter deixado ver êste dia! Acreditem-me, companheiros, desde a morte de meu filho nem um só instante tenho tido outro pensamento na cabeça, nem outro desejo no coração. Até que enfim aqui estamos defronte dos malditos infiéis; e ainda que elles fôsem tantos como as estrêlas do céu, tenho fé profunda que Deus nos daria a vitória. Vamos combater e arriscar a vida, em primeiro lugar para serviço e glorificação da nossa santa religião; em segundo lugar para serviço e glória de el-rei Dom Manuel de Portugal, nosso senhor; em terceiro lugar para vingar meu filho cuja morte nos ofendeu a todos. Vencendo esta batalha, amigos, teremos vencido a Índia, porque tôda a esperança dos moiros da Índia está nesta gente do sultão.

Os capitães e fidalgos responderam todos à uma que não havia um só entre elles que não pensasse da mesma maneira.

No dia seguinte, logo ao romper de alva, apenas a brisa se levantou do mar, Dom Francisco mandou tocar a trombeta dando o sinal de começar o ataque. Com grandes gritos de guerra a nau de Nuno Vaz rompeu à frente. Havia duzentos homens nesta nau, quasi todos de boas famílias; e eram soldados de mão cheia. Tôda a armada seguiu em boa ordem e segundo o que estava combinado.

Meliquiaz deu logo ordem à artilharia do bastião e muralhas da cidade para atirarem sôbre a nossa armada; ao mesmo tempo todos os navios começaram a batalha. O fumo tornou-se espêsso como um nevoeiro cerrado; e como relâmpagos saía destas grossas núvens o fogo dos canhões. A coisa era tão espantosa e terrível que mais parecia obra de demónios que de homens. As balas caíam por tôda a parte; uma delas matou três homens na nau de Nuno Vaz. E Nuno Vaz, vendo uma das grandes naus de Mirocem atravessada defronte da sua, mandou fazer fogo sôbre ela e meteu-a no fundo, morrendo afogada quasi tôda a tripulação. Nisto começaram as abordagens; os navios chegavam-se uns aos outros, os homens saltavam no barco inimigo e a luta era corpo a corpo, medonha.

Em todos os navios a batalha tornou-se bravia, sem quartel; e os inimigos espantavam-se das proesas dos portuguezes, que pareciam, à fôrça de habilidade e valentia, ser três vezes mais numerosos do que eram. E Mirocem principiou a perceber que, a-pesar dos seus soldados serem bons, cada portuguez valia por uns poucos deles.

O vice-rei conservava-se na sua nau à entrada da barra. Tinha muito mais que fazer do que os outros. O seu pôsto era o mais perigoso e nunca o quis largar. Os rumes faziam quanto podiam para o tirar dali, pois queriam ter livre a entrada do rio; mas nunca o conseguiram. Uma das suas mais poderosas naus, chegando-se à do vice-rei, foi logo afundada. Os barcos de guerra de Calicute cercavam os nossos por todos os lados e os portuguezes não feriam podido defender-se deles, por serem tão ligeiros e numerosos, se não fôsse o socorro maravilhoso do vice-rei. A sua nau parecia tôda em chamas, tal era o fogo da sua artilharia; e o tiro das suas peças ia onde devia ir e parecia que nenhum falhava o alvo. Vestia Dom Francisco um gibão de veludo carmezim sôbre uma cota de malha de aço, e levava na cabeça um capacete que luzia como prata, e na mão uma adaga. Era tão ágil e tão rápido nos seus movimentos, que parecia estar em tôda a parte ao mesmo tempo. Suportou o trabalho mais duro e os maiores perigos daquela grande batalha, e nunca esmoreceu nem

mostrou cansaço. A arte e a firmeza do seu comando eram tais que parecia adivinhar o que os inimigos iam fazer e cortava-lhe tôdas as manobras.

O combate tornava-se cada vez mais medonho. A água do rio estava tinta de sangue. Tinham já os portugueses afundado muitos navios inimigos e tomado outros, quando atacaram a grande nau de Mirocem que logo tomaram; dessa nau quasi tôda a gente foi morta e os que escaparam atiraram-se à água e nadaram para terra; e entre estes se encontrava o próprio Mirocem que, apesar de muito ferido, conseguiu fugir. A batalha continuou com grande fúria e, por fim, os portugueses atacaram a poderosa nau de Meliquiaz e, depois de encarniçada luta, meteram-na no fundo. Os rumes, assombrados ao verem aquela grande nau afundada e tantos dos seus mortos, esmoreceram e não pensaram mais senão em fugir. Dizia-se que mais de quatro mil infiéis foram mortos naquela espantosa guerra. A derrota da gente do sultão foi completa.

Esta grande batalha foi uma das mais gloriosas que os portugueses pelearam na Índia; muita e muito boa gente nossa lá perdeu a vida. Nos navios inimigos aprisionados encontraram-se grandes riquezas que Dom Francisco repar-tiu pela sua gente, sem guardar nada para si.

Meliquiaz, vencido, em lugar de rir, chorava agora. Declarou que seria dali por diante o servidor de Dom Francisco de Almeida e de el-rei de Portugal e que faria tudo que êles mandassem. O vice-rei respondeu que, antes de mais nada, lhe ordenava que entregasse os prisioneiros portugueses que tinha em seu poder. E Meliquiaz mandou vestir os portugueses com grande riqueza e deu de presente a cada um cinqüenta moedas de ouro; embarcaram então numa canoa e foram apresentar-se ao vice-rei a bordo da sua nau. E acompanhando a canoa iam vinte barcos carregados de biscoito, de fardos de arroz e de açúcar, de vasilhas cheias de manteiga, de muitas vacas, carneiros e criação, de caixas com ovos, tudo isto de presente em sinal de submissão, que Meliquiaz dava aos portugueses.

Quando a canoa com os prisioneiros se aproximou da nau soaram a bordo as trombetas e os tambores, e o vice-rei e os capitães e fidalgos foram à entrada da nau receber os seus compatriotas. Dom Francisco de Almeida abraçou-os a todos com os olhos rasos de água, porque todos êles choravam e é coisa terrível ver um homem chorar. E êles disseram-lhe:

— Senhor, sentimo-nos bem desgraçados de não termos morrido com vosso glorioso filho que se encontra agora junto de Deus.

Dom Francisco respondeu-lhes:

— Meus filhos, tudo isso está passado. O meu coração foi mal ferido com tamanho infortúnio; mas agora dêmos graças a Deus da grande vingança que nos concedeu.

Dos navios tomados aos inimigos, escolheram-se os melhores: seis belas galeras e três grandes e valentes naus; e por ordem do vice-rei foi lançado fogo a tôdas as outras embarcações dos infiéis; tôdas arderam menos uma que ficou ancorada no pôrto, desmantelada, arrombada e meio alagada, para que os ricos mercadores moiros de Meca, quando chegassem a Diu, vissem sempre o que restava da soberba armada do sultão, na qual tanto se fiavam para dar cabo dos portugueses.

Recolheu-se tôda a artilharia tomada ao inimigo; eram mais de seiscentos canhões de muito bom metal e em muito bom estado.

Em seguida ordenou Dom Francisco a Meliquiaz que lhe mandasse todos os homens do exército do sultão que tinham conseguido escapar à artilharia e ao ferro dos portugueses; e recomendou-lhe que tomasse bem conta de lhes mandar todos sem faltar um só. Meliquiaz obedeceu logo e mandou-lhe para cima de oitocentos rumes e turcos e moiros, uns são outros feridos. O vice-rei escolheu entre os são os mais fortes e perfeitos que mandou meter a ferros e mais tarde mandou como escravos a el-rei Dom Manuel. E aos restantes mandou cortar os pés e as mãos e meter em algumas embarcações inimigas que reservara para êsse fim, e lançou-se-lhes fogo, que não ficaram senão cinzas.

À ordem do vice-rei, Meliquiaz entregou-lhe trezentas mil moedas de ouro, que era uma soma enorme de dinheiro. Meliquiaz obedeceu logo e, como não tinha tanto, andou a arrebanhar moedas de ouro por casa dos mercadores ricos da cidade. Tal era o seu medo que já não sabia o que havia de fazer para amansar a cólera de Dom Francisco, ao qual ofereceu armas e jóias de enorme valor, e todos os dias mandava à armada grandes presentes de víveres.

Reunindo o seu Conselho, o vice-rei mostrou aquelas armas e jóias de maravilhosa riqueza, e disse:

— Tudo isto pertence a el-rei Dom Manuel, nosso senhor e tudo aqui ficará neste cofre, selado, para ser entregue a Sua Alteza. Quanto às trezentas mil moedas de ouro que obtive de Meliquiaz, cem mil foram repartidas, como sabeis, entre vós todos, homens nobres e homens do povo, em recompensa do vosso trabalho e da vossa bravura durante esta batalha; outras cem mil pagarão os vossos soldados até chegarmos a Cochim; e as restantes cem mil pertencem a el-rei Dom Manuel e serão empregadas na compra da sua pimenta. Louvado seja Deus, esta nossa campanha foi o que devia ser.

A volta para Cochim, ao passarem pelo pôrto de Chaul, onde Dom Lourenço fôra morto, Dom Francisco de Almeida deu ordem ao capitão daquela cidade de lhe mandar entregar todos os rumes e outros fugitivos da armada do sultão que lá estivessem. O capitão, a tremer de medo, mandou rebuscar pela cidade tôda e enviou a Dom Francisco perto de cem homens. O vice-rei mandou-lhes cortar os pés e as mãos e em seguida metê-los em dois barcos daquele pôrto, com lenha, e tudo ardeu até não ficar senão cinzas.

Estas coisas parecem-nos agora cruéis; mas devemos-nos lembrar que em todos os tempos e em todos os povos as guerras trazem sempre muitas crueldades. E devemos também pensar que os portugueses eram muito poucos e tinham de se defender, em terras tão longe da sua, de milhões de inimigos que dariam cabo deles se os vissem fraquejar. Assim, êste grande e terrível castigo que Dom Francisco de Almeida deu à gente que o sultão mandara para atirar com os portugueses para fora da Índia, pelo contrário, aumentou muito o prestígio e a fôrça do nome português naquelas partes do mundo; e tanto que, durante mais de vinte anos, não houve um só navio do sultão que se atrevesse a fazer guerra aos portugueses no Oriente.

Pouco depois de voltar a Cochim, Dom Francisco, tendo pôsto em boa ordem todos os serviços da Índia, e tendo acabado o tempo do seu mandato, entregou, por ordem de el-rei Dom Manuel, o govêrno da Índia a Afonso de Albuquerque. E embarcando numa nau da armada que nesse ano voltava carregada para Portugal, seguiu caminho para Lisboa.

Pelas alturas do Cabo de Boa Esperança ancorou a armada a fim de se aprovisionar de água. Dom Francisco de Almeida foi a terra e passeando, enquanto os homens carregavam de barris de água os barcos, afastou-se pelo mato. E aconteceu que os portugueses se envolveram numa bulha com os cafres daquela região. E acudiram muitos cafres, cada vez mais, centos e centos deles, Dom Francisco correu em socorro dos seus, mas os cafres envolveram-no e mataram-no com uma zagaiada que o atravessou. Tentaram os portugueses defendê-lo e, depois, tentaram levar seu corpo. Mas os cafres eram tantos que a custo os nossos puderam afinal alcançar as canoas, não sem terem lá deixado alguns mortos. E todos os que se salvaram vinham mal feridos.

Assim acabou sua vida o primeiro e grande vice-rei da Índia, Dom Francisco de Almeida.

## A SEGUIR:

# HISTÓRIA DE ESPANTAR DO GRANDE GOVERNADOR CHAMADO: O TERRIVEL

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. mandou dar à estampa.*



11

**S. P. N.**